



As crianças passam 9 horas no CIEP, 5 delas nas salas de aula.

Educadores do CIEP buscam novos métodos pedagógicos

Luciana Villas-Bôas

Embora o Governador Leonel Brizola alardeie muito mais os banhos e refeições a que têm direito os alunos dos CIEP, as crianças também estudam e aprendem nos 55 Centros Integrados de Educação Pública em funcionamento no Estado do Rio. Das nove horas diárias que passam na escola, cinco são dedicadas a atividades estritamente didáticas, sob orientação geral bastante definida em termos ideológicos, apesar de ainda toscamente formulada em matéria de metodologia.

Alvejada por críticas insistentes de educadores, que cobram do governo uma proposta pedagógica para a rede pública, a Consultoria Pedagógica de Treinamento, subordinada à secretária de Educação Maria Yedda Linhares, acaba de preparar sua parte para O Livro do CIEP, em fase de impressão, que quer deixar claro que tipo de ensino se pretende nessas escolas. Na próxima quinta-feira, a professora Lia Faria, que coordena a CPT, vai expor para os professores do 1º grau, em seminário na escola Senador Correa, em Laranjeiras, o trabalho dos 60 professores que integram a Consultoria.

— Já se sabe que o Governador Brizola tem uma preocupação quantitativa de inaugurar CIEP — afirma o diretor da escola Senador Correa, Luís Antonio Silveira, que organiza o debate. “O que importa agora é conhecer que tipo de escola é essa que se está fazendo para as crianças das classes populares. Se for para reproduzir a mesma escola tradicional, conservadora e incompetente que se tem por aí, talvez o projeto não valha tanto a pena.”

Para a secretária Maria Yedda Linhares, “é inútil cobrar do governo uma proposta pedagógica pronta, traduzida de livros ingleses e franceses, porque nada disso tem a ver com a realidade do ensino num país que sofreu três séculos de colonização e escravidão”. O que se quer, segundo ela, é a disposição política de alfabetizar e integrar os filhos das classes populares à sociedade letrada, e o grande desafio da equipe técnica da secretaria é atrair os milhares de professores da rede pública para esse projeto.

A solução encontrada pela Consultoria Pedagógica de Treinamento foi estimular em cada CIEP a eleição de professores orientadores por série — de CA (classe de alfabetização) à quarta — ou por disciplina — da quinta à oitava. Os professores orientadores se reúnem mensalmente com a equipe da CPT para avaliar as experiências pedagógicas de cada escola. De volta aos CIEP, os orientadores, em reuniões semanais de quatro horas de duração, transmitem ao conjunto de professores o que foi discutido no encontro com a CPT.

Como em toda a rede pública, as prioridades nos CIEP são, nas primeiras séries, a alfabetização e, no chamado “segundo segmento” (o antigo ginásio), o domínio da língua portuguesa, que deve ser ensinado e avaliado por professores de todas as disciplinas. Para Lia Faria, a grande preocupação é conseguir a adesão dos professores à idéia de que a cultura e o saber do aluno não devem ser reprimidos, ao mesmo tempo em que se ensina a norma culta da língua portuguesa, indispen-

sável para que ele venha a operar na complexa sociedade letrada da classe média.

— Nos encontros, no entanto, não é possível ainda termos grandes discussões pedagógicas sobre Piaget ou Montessori, mesmo porque muitos professores não estariam preparados para elas — diz Lia Faria, 40 anos, formada em Comunicação e Letras, aluna do mestrado em Educação da Fundação Getúlio Vargas e ex-candidata à prefeitura de Friburgo pelo PT. “Tentamos desenvolver com os professores o método lingüístico de alfabetização elaborado pelo laboratório de currículos da secretaria de educação entre 1975 e 1979, que parte da vivência do aluno e, comprovadamente, já deu muito bons resultados. Acima de tudo, não queremos impor uma metodologia ao professor, desconhecendo e rejeitando as descobertas que eles fizeram e viram funcionar em sala de aula.”

Os encontros dos professores dos CIEP com a equipe técnica da secretaria acabam virando, invariavelmente, uma grande troca das experiências vividas em cada escola. Para muitas professoras de classe média, é a valiosa oportunidade de partilhar as dificuldades sentidas em lidar com crianças que, na definição de uma orientadora de CA do CIEP de Ipanema, “são uma estranha combinação de agressividade e carência afetiva”.

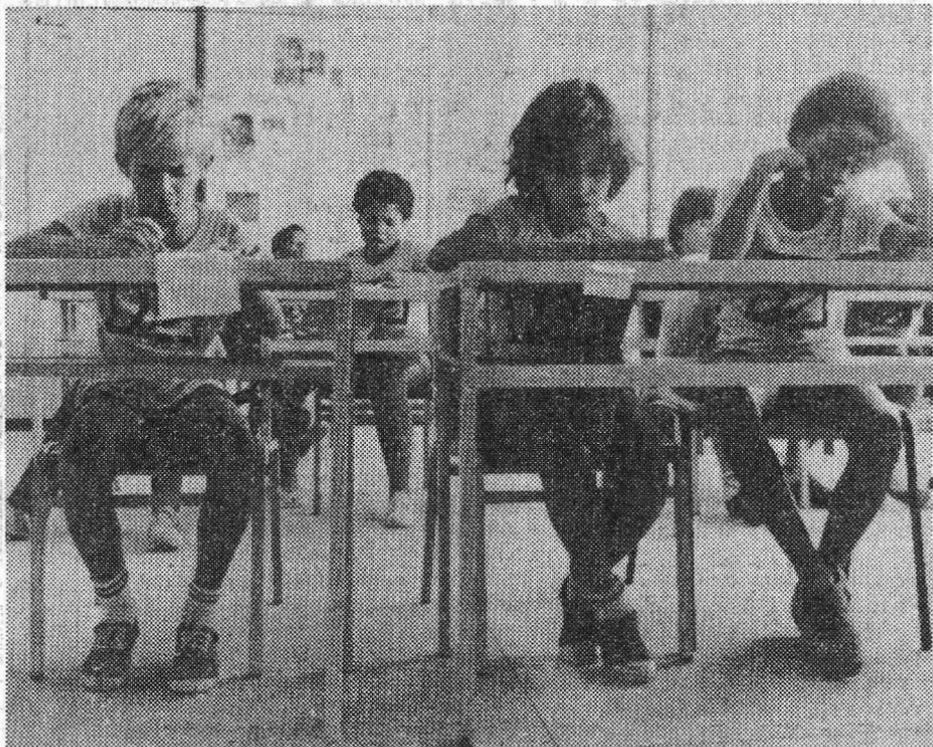
— Embora sejam indiscutíveis as falhas na formação técnica das professoras, a nossa maior dificuldade, muitas vezes, ainda se dá no plano psicológico e ideológico, ao trabalhar com crianças que chegam aqui sem jamais ter usado papel higiênico — conta Maria Silveira, orientadora de CA.

— Os encontros com outros professores de CIEP e com a equipe técnica valem a pena, principalmente porque ficamos sabendo de soluções encontradas em outras escolas para problemas muito semelhantes aos que enfrentamos lá em Irajá — revela Lillian Lacerda, formada em Educação Artística pela Faculdade de Bennett e professora orientadora de Artes plásticas no CIEP Adão Pereira Nunes, na avenida Brasil.

Além do domínio da linguagem, é prioridade nos CIEP a construção de uma visão de mundo crítica e transformadora da sociedade. Todos os professores concordam que, para isso, tem sido precioso o trabalho dos animadores culturais, que, ligados à Secretaria de Cultura e recrutados nas comunidades em torno de cada escola, promovem atividades extraclasse com os alunos.

— Depois de passeios e atividades que os animadores organizam com os alunos na comunidade em torno da escola, aproveitamos todo o material que eles produzem de forma interdisciplinar em português, história, geografia e até em artes cênicas, correlacionando conteúdos e ajudando-os a compreender sua posição na sociedade — diz Zulmira Abreu, professora de artes cênicas no CIEP de Ipanema.

Apesar de gostar dos passeios, Carlos Alberto Cordeiro, 13 anos, aluno da quinta série, tem, no entanto, outras razões para explicar por que aprende mais no CIEP: “Estudar aqui é mais fácil porque a escola é mais bonita”, diz ele.



O desafio é educar crianças que nunca usaram sequer um garfo